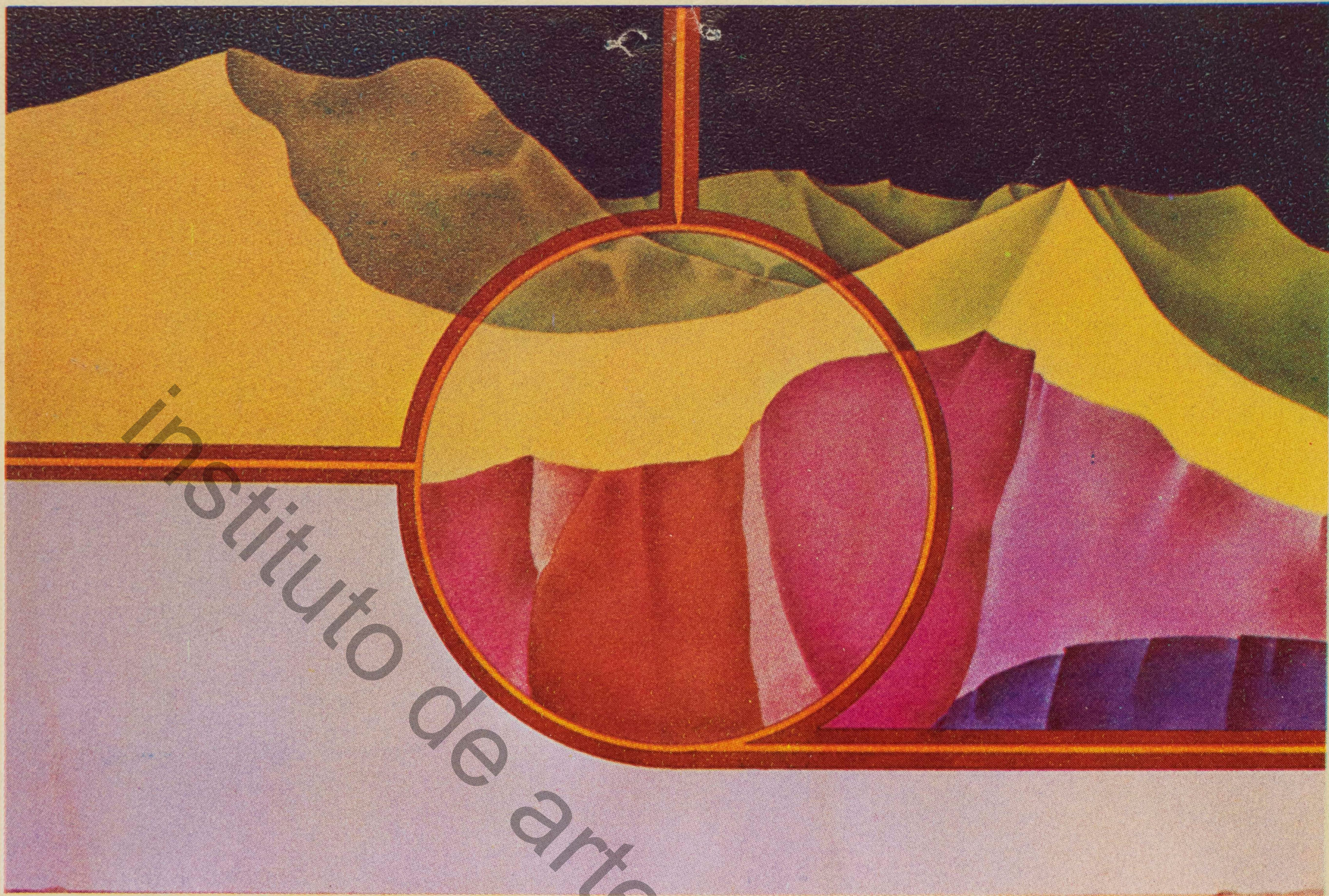


Instituto de Arte Contemporânea

Sra. Ligia Serpa  
R. Juruyiaria, 104  
NESTA 2016

25 VI 75

050  
P. a. n. 5695



**MANFREDO SOUZA NETO**

Desenhos

Dia 1º de julho de 1975

21 horas

Inaugurando a nova sede de Real Galeria de Arte.

Até dia 20.

Instituto de arte contemporânea



#### Manfredo Souza Neto

Nasceu em Jacinto, MG, em 1947. Fez o curso de desenho e gravura na Escola Guignard (Belo Horizonte) entre 1969-1970. Frequenta o 3º ano da Escola de Arquitetura da UFMG.

#### Principais exposições:

##### Coletivas:

- 1971 – Erótica 71, Galeria AMI, Belo Horizonte
- 1972 – Desenhistas Brasileiros, Gal. Benfiglioli, S. Paulo.
- 1972 – Artists from Minas, B.A.C.I. Washington, USA
- 1972 – Representação Brasileira, Skopje, Iugoslávia
- 1973 – Coletiva Galeria O Globo, B. Horizonte
- 1973 – Coletiva de Desenho, IBEU, Rio de Janeiro
- 1973 – 4 no Desenho, ICBEU, Belo Horizonte

##### Individuais

ICBEU, Belo Horizonte, 1974  
REAL GALERIA DE ARTE, Rio de Janeiro, 1975, exposição inaugural da nova sede.

##### Mostras Oficiais e Premios:

- 1969 – IIº Salão Nacional de Arte Universitária, B. Horizonte
- Iº Salão Nacional de Arte Contemporânea, B. Horizonte
- 1970 – Iº Encontro da Vanguarda Brasileira, B. Horizonte
- IIIº Salão Nacional de Arte Universitária, B. Horizonte
- IVº Exp. Jovem Arte Contemporânea, MAC, São Paulo
- IIº Salão Nacional de Arte Contemporânea, B. Horizonte

- 1971 – IIIº Salão de Verão, MAM, Rio de Janeiro
- VIIº Salão de Arte Contemporânea, MAC, Campinas.
- IIIº Salão Artista Plástico Mineiro, B. Horizonte – Premio UFMG.
- IIIº Salão Nacional Arte Contemporânea, B. Horizonte: Premio Aquisitivo.
- 1972 – Vº Salão de Arte Contemporânea, Santo André, SP.
- Brasil Plástica 72, Bienal de São Paulo, SP.
- IVº Nacional de Arte Contemporânea, B. Horizonte.
- IVº Salão de Artista Jovem, Campinas: Premio Estímulo.
- IVº Salão Nac. Arte Universitária, B. Horizonte: Premio Aquisitivo.
- 1973 – XXº Bienal de São Paulo.
- Iº Salão Global de Inverno: Premio Aquisitivo.
- IIº Mostra de Artes Visuais, Niterói, RJ: Premio Aquisitivo.
- Vº Salão de Arte Contemporânea, B. Horizonte: Premio Aquisitivo.
- XXXº Salão Paranaense de Arte, Curitiba: Premio Aquisitivo.
- 1974 – IIIa. Mostra de Artes Visuais, Niterói, RJ.
- Bienal Nacional 74, São Paulo.
- Panorama da Arte Atual Brasileira, MAM, São Paulo.
- IX Salão de Arte Contemporânea, "O Desenho", Campinas, SP.
- IIº Salão Global de Inverno, B. Horizonte: Premio Aquisitivo.
- VIIº Salão de Arte Contemporânea, São Caetano do Sul, SP: Premio Aquisitivo.
- VIº Salão de Arte Contemporânea, B. Horizonte: Premio Aquisitivo.

Salão Jovem Arte, CCBEU, Santos: Premio Pintura.  
Salão de Arte Universitária, B. Horizonte: Premio Viagem a Europa e Bolsa de Estudos em Paris.  
1975 – IIIº Salão Global de Inverno, B. Horizonte: Premio Aquisitivo.

Sem querer fazer história das artes plásticas em Minas – o que seria no mínimo temerário, em tão curto espaço –, parece-me necessário anotar, aqui, certos dados referentes aos últimos vinte anos, que explicam e legitimam o trabalho de Manfredo. Durante as décadas de 50 e 60, a pintura mineira esteve indelevelmente marcada pela figura de mestre Guignard. Compreendia-se a paisagem à sua maneira: lírica, fugaz feita de sinuosas linhas tênueamente esboçadas, e com um alto teor de fantasia. Em seus céus navegavam, com a mesma fluidez, ruas, casinhas e balãozinhos de São João, como se o universo mineiro estivesse mergulhado numa tranquilidade edênica e imutável.

Data de 1970, mais ou menos, uma reviravolta no enfoque da paisagem. Motivados, talvez, por uma visão mais política, e sob a inspiração de determinantes antes literárias que Plásticas (a famosa "mineiridade"), os artistas se deram conta de que poderiam utilizar a montanha como metáfora para a colocação de problemas mais amplos. "A Montanha é antes de tudo a limitação do horizonte" – teria escrito Alceu Amoroso Lima. A essa constatação (explicativa da timidez, do ensimesmamento, da aparente rudeza mineira), acrescentou-se a trouvaille visual de que a própria palavra Minas, em manuscrito, fornece uma silhueta montanhosa. Surgiu, em pouco tempo, uma verdadeira escola de "montanhistas", não mais contemplativos, à moda de Guignard, mas sim participantes. Ao mesmo tempo, eclodiu também uma nova e forte geração de desenhistas, enquanto as demais técnicas entravam num compasso de espera.

Na exata confluência dessas duas emergências – o desenho e a montanha –, situou-se Manfredo, um dos primeiros (justamente em 70) a optar de forma sistemática pelo tema. Até hoje ele permanece, a meu ver, o mais fiel a sua origem. Enquanto outros desenhistas se deslocaram para uma área mais fantástica, e outros, ainda, transformaram o "montanhismo" num mineirismo típico dos meados dos anos 70, Manfredo procurou renovar-se, sem abandonar o núcleo, e ampliou o seu campo de ação. Sobre o slogan "Olhe bem as montanhas", por exemplo, coordenou no ano passado um quase movimento de protesto contra a contínua delapidação das jazidas mineiras nos arredores de Belo Horizonte e, portanto, da paisagem. No momento, é este, sem dúvida, seu tema mais exacerbado. Para a presente exposição, procurou deliberadamente criar trabalhos que refletissem ou retomassem também sua linguagem de outras épocas. Mas a linguagem mais recente é a que fragmenta a paisagem, seja decompondo-a como se através de vidros facetados, seja se apropriando de seu reverso e impondo-o gradativamente a todo o quadro. Nestes últimos trabalhos, Manfredo questiona significativamente o suporte, através do "trompe l'oeil". É como se uma folha desenhada estivesse superposta a outra, e se deslocasse aos poucos, expondo seu avesso e deixando o fundo a descoberto. Num recente conjunto exposto em Minas, aliás, o processo desenrolava-se em série. No primeiro desenho, uma pontinha se soltava. No último, a montanha desaparecera, engolida pelo fundo de cor.

É contra esse desaparecimento da montanha que o trabalho de Manfredo se bate neste instante. Como mineiro, saudoso de sua terra (e nostálgico daquele "espírito de Minas" que, segundo o poeta, possui um "claro raio ordenador"), cabe-me endossá-lo, na limpeza do seu trabalho, em sua coerência, e por seu esforço em injetar, na obra de arte, um sentido maior que a simples forma.

Olívio Tavares de Araújo  
São Paulo, junho de 1975

## BANCO REAL

O Banco que faz mais por seus clientes.

### REAL GALERIA DE ARTE

Av. N. S. Copacabana 129 – B (Pça. do Lido)  
Tel: 235-3777  
HORÁRIO: Segunda a Sexta: 12 às 22 horas  
Sábados e Domingos: 16 às 22 horas

instituto de arte contemporânea

REAL GALERIA DE ARTE

Av. Copacabana, 129-B (Praça do Lido).